

# Janelas para o rio na "nova" Cidade Velha: Uma análise sobre os usos do Parque Naturalístico Mangal das Garças e do Portal da Amazônia

Sidney Costa Filho, Cybelle Salvador Miranda e Luiz de Jesus Dias da Silva

---

COSTA FILHO, Sidney; MIRANDA, Cybelle Salvador; SILVA, Luiz de Jesus da. Janelas para o rio na "nova" Cidade Velha: Uma análise sobre os usos do Parque Naturalístico Mangal das Garças e do Portal da Amazônia. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 96-118, out. 2022

---

data de submissão: 11/08/2021  
data de aceite: 11/08/2021

**Sidney COSTA FILHO** é Mestre pela Universidade Federal do Pará (UFPA); sidney\_pery@hotmail.com

**Cybelle Salvador MIRANDA** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA); cybelle@ufpa.br

**Luiz de Jesus Dias da SILVA** é Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA); ljesusds@hotmail.com

## Resumo

O bairro da Cidade Velha, conhecido por possuir um caráter histórico que remete à fundação da cidade de Belém do Pará, tem atraído, nas últimas duas décadas, grandes projetos que vêm promovendo uma transformação gradual na paisagem do mesmo, dentre os quais é possível destacar a inauguração, em 12 de janeiro de 2005, do Parque Naturalístico Mangal das Garças, e em junho de 2012 da primeira etapa do chamado Portal da Amazônia (Orla de Belém). Os dois projetos estão situados em uma parte do bairro que pode ser chamada de "nova" Cidade Velha devido à sua ocupação mais recente e à arquitetura predominante no local. O presente artigo objetiva refletir a respeito da percepção de usuários e moradores vizinhos ao Mangal das Garças e o Portal da Amazônia, contribuindo para o reconhecimento da ocupação e utilização destes locais bem como do papel desempenhado pelos referidos espaços na vida de tais indivíduos.

**Palavras-chave:** Mangal das Garças, Portal da Amazônia, Orla de Belém, Percepção, Belém - PA.

## Abstract

*The Cidade Velha neighborhood, known by its historical character which evokes the foundation of Belém do Pará, has attracted, in the last two decades, great projects that's been promoting a gradual change to its landscape, among which it's possible to highlight the opening of Mangal das Garças Natural Park (Parque Naturalístico Mangal das Garças), in January 12, 2005, and the first part of Portal da Amazônia (Orla de Belém), in June, 2012. Both projects are located in a portion of the neighborhood that can be called the "new" Cidade Velha due to its most recent occupation and its predominant architecture. This article aims to discuss about the perception of users and nearby residents of Mangal das Garças Natural Park and Portal da Amazônia, contributing to the recognition of the occupation and use of these places, as well as the role played by them in the individual's lives.*

**Keywords:** Mangal das Garças, Portal da Amazônia, Orla de Belém, Perception, Belém - PA.

## Resumen

*El barrio Cidade Velha, conocido por su carácter "histórico" que evoca a la fundación de la ciudad de Belém do Pará, ha atraído, en las últimas dos décadas, grandes proyectos que han promovido una transformación paulatina en su paisaje, dentro de los cuales es posible destacar la inauguración, el 12 de enero de 2005, del Parque Naturalístico Mangal das Garças, y en junio de 2012 de la primera etapa del llamado Portal da Amazônia (Orla de Belém).*



<sup>1</sup> A lei 7.709/94, também conhecida como Lei do Centro Histórico, dispõe sobre a preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências. A poligonal do CHB e entorno criada em função desta lei é utilizada pela Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). Ela inclui o núcleo inicial de fundação da Cidade Velha, todo o bairro da Campina e parte do bairro de Batista Campos. O entorno do CHB inclui a porção mais recente da Cidade Velha e parte dos bairros de Nazaré e do Reduto. A portaria nº 54, de 8 de maio de 2012, do Ministério da Cultura (MinC) homologa o tombamento do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico dos Bairros da Cidade Velha e Campina por meio de sua inscrição no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no Livro do Tombo Histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Para tal, a portaria se utiliza do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o qual organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Los dos proyectos están ubicados en una parte del barrio a que se puede denominar la "nueva" Cidade Velha debido a su ocupación más reciente y la arquitectura predominante en el local. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la percepción de los usuarios y residentes vecinos del Parque Natural Mangal das Garças y del Portal da Amazônia, contribuyendo al reconocimiento de la ocupación y uso de estos lugares, así como del papel que estos espacios desempeñan en la vida de los individuos.

**Palabras-clave:** Mangal das Garças, Portal da Amazônia, Orla de Belém, Percepción, Belém - PA.

## Introdução

O bairro da Cidade Velha, fundado em 1616 com a chegada dos colonizadores portugueses, constitui o início da cidade de Belém (Figura 01) e, por este motivo, abriga numerosos sítios e edificações de interesse à preservação, cujos limites são inscritos na poligonal que demarca o Centro Histórico de Belém (CHB), definida pela lei 7.709/94<sup>1</sup>. Com a expansão dos limites urbanos, novas áreas passaram a ser ocupadas e, com isso, a ocupação de outra parte do bairro foi possibilitada graças a obras governamentais desenvolvidas como o aterramento do Alagado do Piri e a abertura de novas ruas e travessas, entre fins do século XVIII e início do século XIX (CRUZ, 1973). Porém, essa porção do bairro em particular teve sua ocupação intensificada principalmente entre os anos de 1940 e

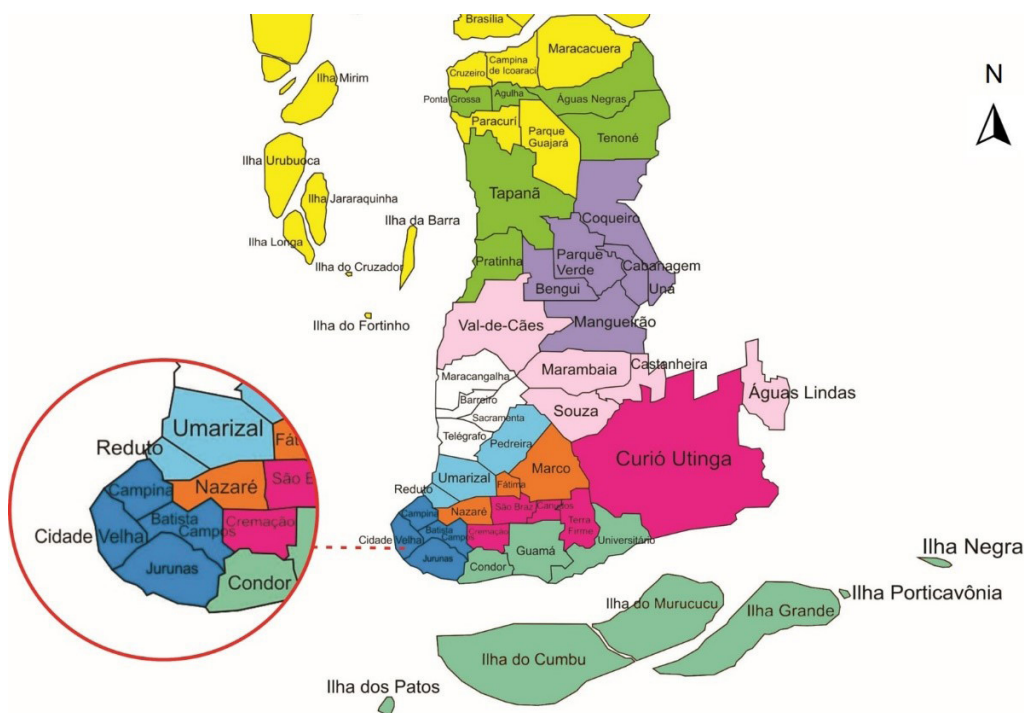


Figura 1  
Localização do bairro da Cidade Velha no Município de Belém. O bairro faz fronteira com outros como o do Jurunas, Campina e Batista Campos  
Fonte: TRE/PA (2018), modificado pelos autores, 2021

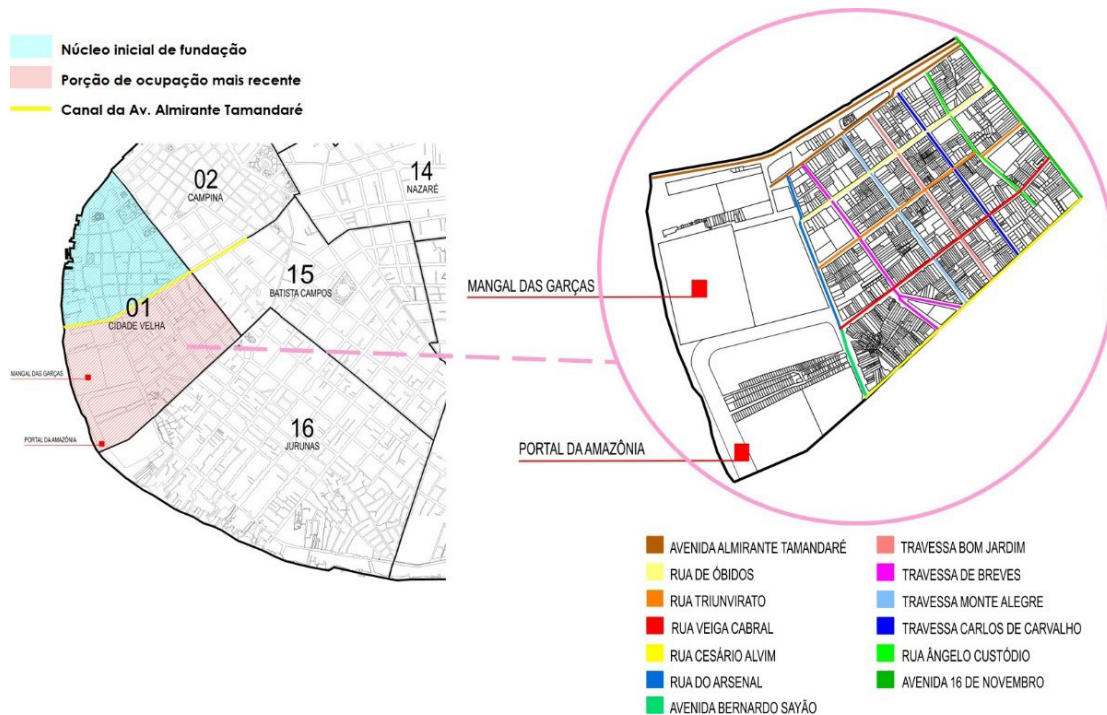


Figura 2

Divisão do bairro em duas partes, com indicação do núcleo inicial de fundação em azul, porção de ocupação mais recente em rosa e Canal da Tamandaré, indicado por linha amarela. À direita, destaca-se a porção mais recente, com a indicação de suas vias em cores

Fonte: Autores, 2021

1950, com a execução de obras como a construção do Dique da Estrada Nova (DEN), a partir de 1944 (SANTOS, 2016), e a partir da década de 1950 com a realização, pela Prefeitura de Belém, de uma grande obra de saneamento. Nesta intervenção houve aterramento e canalização de áreas alagadas dos bairros da Cidade Velha, Campina e Jurunas, cuja drenagem conflui para o Canal da Tamandaré, o primeiro a ser construído com paredes de concreto vertical e bacia de acumulação de águas pluviais (PALHETA, 2016). O canal atua também como um limite natural, físico e geográfico capaz de dividir o bairro em duas partes (Figura 02).

Esta porção mais recente do bairro está inscrita na área de Entorno do Centro Histórico e possui um perfil diferente quando comparada ao núcleo inicial: ruas e calçadas mais largas, limite de gabarito até 22 metros de altura (contra os 7 metros permitidos no núcleo inicial) e, diferentemente da linguagem eclética e da implantação colonial, predominantes na "Cidade Velha Patrimonial", a predominância nesta "nova" Cidade Velha é das edificações de renovação, imóveis que não possuem interesse à preservação e onde em seu lugar a legislação vigente permite uma nova construção (TUTYIA, 2013, p. 4). Embora nesta área existam

edificações de interesse à preservação, estas podem ser encontradas em menor número. Ademais, a área possui uma paisagem ainda em constante transformação, em grande parte devido aos projetos e empreendimentos que continuam a ser executados ou implantados na mesma.

As inaugurações do Parque Naturalístico Mangal das Garças em 12 de janeiro de 2005 (ocasião do 389º aniversário de Belém) e da primeira etapa do Portal da Amazônia, projeto do qual a Orla de Belém faz parte, em junho de 2012, traduzem sobremaneira a dinâmica existente na "nova" Cidade Velha bem como consolidam a ocupação dessa área, constituindo também opções de lazer para a população e turismo para os visitantes de fora. No entanto, apesar de o Mangal e a Orla serem espaços situados contiguamente um ao outro (Figura 03), os mesmos não são ocupados e utilizados da mesma forma pela população e turistas, bem como despertam percepções e opiniões diferentes nesses indivíduos.

## Os projetos

O projeto do Mangal foi concebido com o objetivo de valorizar a identidade local, proteger a vegetação ciliar de aningas (*Montrichardia linifera*) e recuperar o caráter público de uma área abandonada e subutilizada, aproximando a população do rio e do ecossistema amazônico (GORSKI, 2008). Foi idealizado pelo arquiteto e então secretário de cultura Paulo Chaves e contou com a colaboração de profissionais de renome nacional, como a paisagista Rosa Kliass. O terreno onde o parque foi implantado consistia anteriormente em uma área sem uso específico que foi cedida pela Marinha do Brasil. A criação de um espaço naturalístico que abrangesse as diferentes macrorregiões florísticas do Estado do Pará (as matas de terra firme, os campos e as matas de várzea), foi apresentada como uma das principais propostas do parque (MERGULHÃO, 2009). Atualmente, o parque pode ser associado ao passeio e contemplação da natureza e paisagem, além de atividades associadas à gastronomia (Restaurante Manjar das Garças) e ao turismo, não incluindo a prática de esportes ou lazer cultural como em outros exemplares de parques públicos mundo afora.

O terreno onde o Mangal foi locado possui uma área total de 40.000 m<sup>2</sup>, da qual foram usados 36.070 m<sup>2</sup> (90% da área total) para locar as áreas livres (MERGULHÃO, 2009). O parque pode ser dividido em duas partes, sendo que a primeira (Figura 03) pode ser classificada como a que concentra equipamentos que

oferecem suporte ao espaço, tais quais a portaria, o estacionamento, o bicicletário e os depósitos; mas também nela estão inclusos o Armazém do Tempo - pavilhão em estrutura metálica pertencente à antiga Empresa de Navegação da Amazônia S/A (ENASA) e o edifício em madeira que abriga o Memorial Amazônico da Navegação, o qual conta com uma exposição permanente, no pavimento térreo e o restaurante no pavimento superior.

Já a segunda parte inicia com a praça, onde uma fonte inaugura o circuito das águas, o qual desenvolve seu curso ao longo do parque manifestando-se em cascata, rio sinuoso e, finalmente, grande lago. A segunda parte expressa melhor, de acordo com Kliass (2006), o caráter naturalístico do projeto, com a criação de ambientes que representam as três variedades florísticas da região. Ademais, a porção abriga também a Fonte dos Caruanas, o Lago do Cavername, o viveiro de pássaros, o borboletário, o Farol de Belém, o Mirante do rio Guamá e o aningal.

O Portal da Amazônia, por sua vez, possui apenas uma pequena parte inicial situada dentro dos limites da Cidade Velha (até a rua Cesário Alvim) (Figura 04), estando sua maior parte concentrada no bairro do Jurunas. Ele é composto por dois grandes projetos: a macrodrenagem da Estrada nova, atualmente Programa de Reabilitação Urbana e Ambiental da Bacia da Estrada Nova (PROMABEN) – e a Orla de Belém. A referida orla possui mais de 6 km de extensão ao longo do rio Guamá e abrange desde o Mangal das Garças até a Universidade Federal do Pará. Seu projeto também foi desenvolvido por Paulo Chaves e possui tratamento paisagístico feito com espécies nativas, anfiteatro, deck, área de convivência à beira rio, quiosques e equipamentos como quadras poliesportivas. A primeira etapa do projeto teve suas intervenções iniciadas em 2009 e foi entregue à população em junho de 2012, com 1,5 km de extensão dos 2,2 km inicialmente propostos (LEÃO, 2013).

Assim como o Mangal, que possui um mirante para o rio, na Orla também é possível a contemplação do Rio Guamá. A atitude de recuperar a vista para o rio constitui uma postura ainda recente, motivada pelo que Corbin (1988) chama de "desejo de litoral", originário principalmente das elites locais, e é impulsionado pelo mercado internacional e a especulação imobiliária em busca de uma "retomada das águas", de um "resgate" da natureza da cidade, de sua identidade cultural, de suas raízes caboclas e da possibilidade e potencialidade de desenvolvimento econômico (PONTE, 2007),



Figura 3 e 4  
 Vista da parte inicial do Parque e da porção inicial da Orla  
 Fonte: Autores, 2020, 2021

considerando o elemento água e a paisagem constituída por esta como fator de valorização de um empreendimento. É a comercialização da paisagem, de uma vista, algo que projetos como o Feliz Lusitânia, a Estação das Docas e o Ver-o-Rio, pontos turísticos já consagrados no gosto da população belenense, também proporcionam.

### Sobre percepção

As percepções que um indivíduo tem a respeito de determinado ambiente são apreendidas pelos órgãos dos sentidos. O sentir é, segundo Merleau-Ponty (1999), uma comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. Tuan (2012), por sua vez, afirma que a resposta ao meio ambiente pode ser estética ou tátil. Da mesma forma, Santaella (2012), ao analisar os estudos de Gibson sobre ecologia da percepção, aponta, baseada no pensamento do autor, que o ambiente acolhe o animal em uma relação que se torna inseparável, em que um implica o outro. Assim, todo animal é, até certo ponto, um percebedor e um agente, de forma que, ao perceber o ambiente, o animal nele age. Tal comportamento também é possível de ser associado ao ser humano.

Tuan (2012) concebe a percepção como sendo uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, ao mes-

mo tempo em que também pode ser uma atividade proposital; sendo necessário ter em mente que cada indivíduo enxerga o mundo de modo "egocêntrico", a partir de sua própria perspectiva, a qual é fundamentada nas vivências e repertório que cada um possui. Por conta da subjetividade envolvida, a percepção possui suas complexidades: "nada é mais difícil do que saber ao certo o que nós vemos" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 91). Assim, diferentes percepções a respeito de um mesmo objeto ou ambiente são possíveis. É a partir daí que surge a *alteridade* a que Velho (2008) se refere como sendo o respeito à individualidade de cada pessoa ou ao "eu" interior individual e particular ao nos relacionarmos com o outro.

Em relação ao lugar, Agier (2011) afirma que o sentido do mesmo é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social a qual é o seu suporte. Da mesma forma, Augé (1994, p. 73) pontua que: "o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores". Sendo assim, o lugar possui potencial de ser identitário, relacional e histórico. Norberg-Schulz (2006), por sua vez, identifica na arquitetura o potencial fenomenológico como capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos. Assim, a identidade humana pressupõe a identidade do lugar.

A relação da percepção do sujeito com a paisagem, elemento que, assim como o lugar, contribui para o estabelecimento de elos afetivos ou identidade, é essencial para entender nossos objetos de estudo. Eckert (2009) considera a paisagem como um sistema de signos capaz de produzir no indivíduo identidades individuais e sociais. Segundo a autora, uma paisagem nasce a partir da experiência temporal em consonância ao movimento da sensibilidade. Ela destaca também que a paisagem é uma experiência humana possível pela evocação das imagens que habitam nossa memória coletiva. Já Ribeiro (2009) considera "paisagem" um termo polissêmico e subjetivo. Dessa forma, a paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo e constituindo um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *locus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas.

<sup>2</sup> As incursões de outubro de 2020 foram realizadas em conjunto com a também mestranda Thayse Queiróz e contaram como parte do trabalho final da disciplina Método Etnográfico, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA).

Portanto, a partir do registro de percepções dos pesquisadores e dos usuários dos espaços, é possível compreender melhor como o público se apropria dos espaços em questão e quais usos podem ser feitos dos mesmos. Assim, as incursões aos locais ocorreram aos fins de semana, durante os dias de sexta, sábado e domingo, entre os meses de outubro de 2020<sup>2</sup> e janeiro de 2021. A partir das mesmas, foi possível observar ambos os locais e seus visitantes, realizar registros fotográficos e estabelecer diálogos com indivíduos.

## Impressões gerais

Apesar de um dos pesquisadores ser morador do bairro da Cidade Velha há quase dezessete anos e de possuir com ambos os locais (em especial o Mangal) o elo afetivo que Tuan (2012) chama de *topofilia*; ao analisar os espaços em questão, o papel a ser desempenhado agora não seria o de nativo, mas o de pesquisador/estrangeiro. Para tal, Geertz (2009) afirma ser necessário possuir uma visão íntima e, ao mesmo tempo em que devemos nos aproximar do objeto de estudo para coletar informações, devemos manter distância, evitando que juízos e opiniões pessoais interfiram. Da mesma forma, é necessário desenvolver um olhar mais atento ao que já é familiar, pois, de acordo com Rocha e Eckert (2001, p. 20), “a efemeridade da nossa passagem, entretanto, certamente nos impede de desvendar uma série de códigos locais, etiquetas, segredos, não ditos, gestos, olhares e ações que nos passam despercebidos, e que apenas uma continuidade da pesquisa de campo neste espaço pode elucidar”. Sendo assim, uma postura diferenciada deve ser assumida pelo pesquisador.

Outra observação aqui aplicada também foi baseada em um dos postulados de Geertz (1997), o qual afirma ainda que é necessário que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou que nos aceitem como “seres com os quais vale a pena conversar”. Sendo assim, quanto aos entrevistados para o estudo, estes podem ser divididos em: moradores vizinhos aos locais analisados, visitantes dos locais analisados e trabalhadores do Parque Naturalístico Mangal das Garças. Durante as incursões foram entrevistados cinco indivíduos na Orla, sete no Mangal e dois nas proximidades aos dois locais, totalizando quatorze pessoas. Destes quatorze, somente três sujeitos foram indicados por alguém, enquanto o restante foi escolhido de forma aleatória ao longo do percurso, conforme a prática da etnografia de rua proposta por Rocha e Eckert (2001) e utilizando a idade como único critério, com o objetivo de



abranger diferentes faixas etárias e desconsiderando dados socioeconômicos. Segundo Rocha e Eckert:

A etnografia de rua, aqui, é um deslocamento em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade. Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, a própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes [...] (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 3).

Ademais, algumas perguntas-base foram elaboradas de acordo com os grupos entrevistados: para os moradores, algumas das perguntas foram: "há quanto tempo reside na área?" e "costuma frequentar algum dos espaços em questão? Se sim, com que frequência?". Quanto às perguntas-base feitas aos visitantes, algumas delas possuíam relação com a frequência com que visitavam os locais e se tais espaços eram capazes de despertar alguma impressão em quem os visita ("em caso positivo, qual?"). Já quanto aos trabalhadores do Mangal, alguns dos questionamentos propostos foram relativos ao tempo de trabalho no local até então e como era trabalhar num espaço como o Parque. As perguntas serviram como uma forma de estabelecer um diálogo inicial e, a partir de aí, se o entrevistado assim permitisse, tais diálogos poderiam ser prolongados, com perguntas não previstas anteriormente e que surgiam espontaneamente a partir dos relatos. Dessa forma, os relatos obtidos foram bastante variados, com alguns entrevistados respondendo além do que foi perguntado e prolongando a conversa, enquanto outros economizaram nas palavras e responderam somente o que foi perguntado.

Em relação ao Mangal (Figura 5), de maneira geral, alguns pontos importantes a serem destacados são que logo ao chegar, próximo à entrada do Parque, o visitante se depara com vários vendedores: pipoqueiro, vendedores de *chopp*<sup>3</sup>, de água mineral e de coco. Os visitantes que chegam ao local a pé têm suas temperaturas aferidas na entrada, medida de prevenção adotada pela administração, assim como a distribuição, ao longo do parque, de lavatórios e totens com instruções de como se proteger da Covid-19, ações estas necessárias para a reabertura em um contexto pandêmico.

Durante as primeiras incursões realizadas, em outubro de 2020, foi possível observar também que famílias com filhos representam a maior parcela dos

<sup>3</sup> O *chopp*, no Pará, é o equivalente ao *sacolê*, *geladinho*, *gelinho*, *dim-dim* ou *chup-chup* de outras regiões do país.

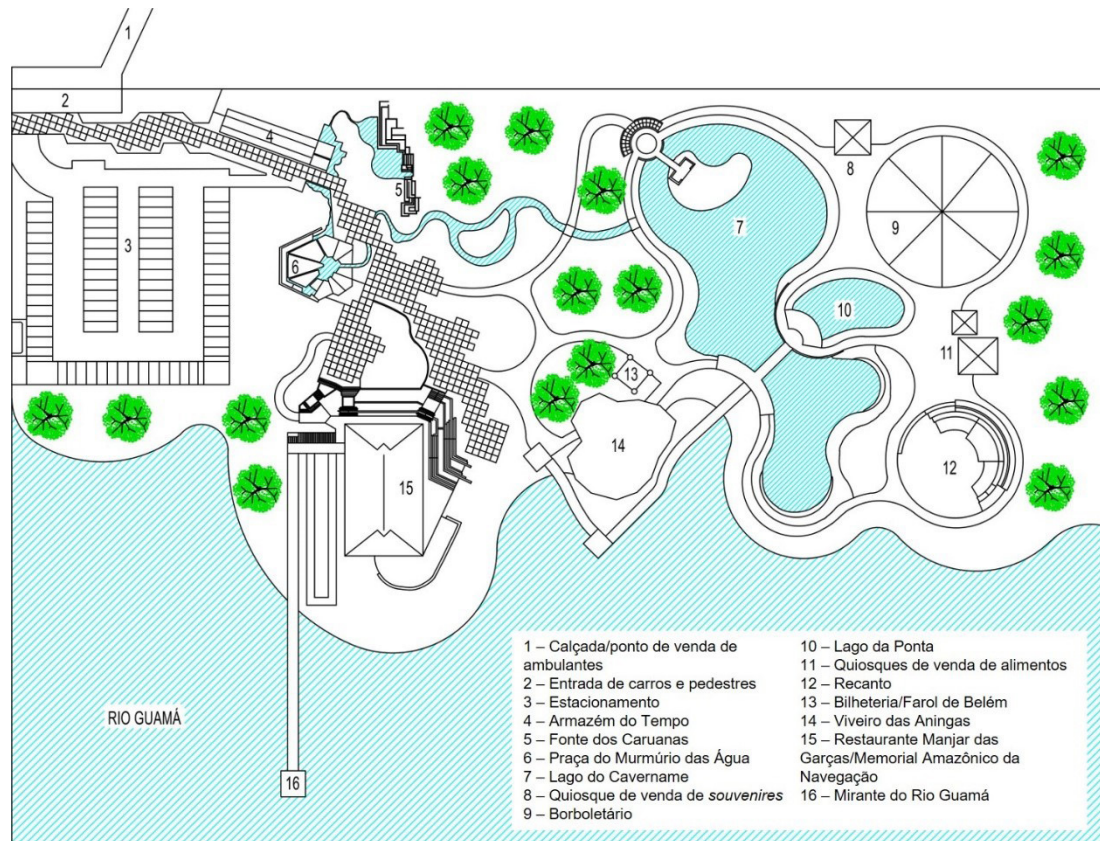


Figura 5  
Implantação do Mangal

Fonte: Redesenho feito pelos autores, 2021, a partir de ilustração originalmente publicada na Revista *Landscape Architecture*, 2021, v. 96, n. 4, p. 123, abr. 2006

visitantes, em detrimento dos casais e visitantes desacompanhados. Um outro fato que merece destaque é a grande quantidade de ensaios fotográficos sendo realizados no local, sejam eles de gestantes, casais, de aniversário ou formatura; tanto no período da manhã quanto no fim da tarde. As sessões de fotos, que possuem maior ocorrência no sábado pela manhã, são responsáveis por interferir na dinâmica espacial ao interromperem constantemente o traslado dos transeuntes, obrigando-os a fazer uma pausa entre um registro e outro, para, assim, poder seguir seu caminho em passos apressados, numa tentativa de se desvencilharem da situação. Aos sábados, um dos quiosques onde ocorre a venda de alimentos conta com música ao vivo para animar os frequentadores e consumidores.

O contato com a natureza que o espaço proporciona faz com que alguns visitantes comparem o Mangal a outros espaços da cidade como o Bosque Rodrigues Alves ou o Museu Emílio Goeldi; este último um espaço que o casal Alberto e Irlene<sup>4</sup>, de 26 e 24 anos res-

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 09 de out. de 2020.

pectivamente, costumam frequentar com maior assiduidade com sua filha devido à localização próxima à residência da família. Eles afirmam ainda que, apesar de já terem visitado algumas vezes o Portal da Amazônia, situado ao lado do Mangal, em relação ao Portal são mais temerosos por conta da violência. Mergulhão (2009) afirma que o Mangal das Garças foi responsável por resgatar uma prática costumeira e que acabou sendo incorporada à vida de muitas famílias belenenses: a visita, aos domingos, aos espaços públicos de caráter paisagístico como os já citados Bosque e Museu. Ademais, além de oferecer um ambiente propício para levar a família (principalmente as crianças), o Mangal já se tornou uma parada obrigatória para turistas.

Apesar da sensação de prazer e bem-estar proporcionada, Tuan (2012) afirma que a atividade turística permite contatos superficiais e pouco autênticos com a natureza. Isso acontece pois, segundo o autor, na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora do contexto rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional (atividades turísticas principalmente) do que vocacional. Dessa forma, o turismo tem uma utilidade e beneficia a economia, porém não une o homem verdadeiramente à natureza. Ainda segundo o autor, a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Ele também afirma que quando uma sociedade alcança um certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. Destarte, a apreciação romântica da natureza é privilégio e riqueza da cidade.

As incursões ao Mangal naquele mês de outubro permitiram, ainda, o contato com o biólogo Basílio, o qual trabalha no Parque há cerca de 1 ano e meio. Ele revelou que o Mangal foi projetado tendo como foco principal o restaurante Manjar das Garças, o qual possui, em suas palavras, *"uma cozinha de renome, que é uma referência da comida paraense"*. Assim, afirma existirem dois tipos de visitantes: o visitante que vai ao Mangal somente pelo restaurante e ocasionalmente passeia pelo parque e aquele que frequenta o parque para *"ter um contato com a natureza"*. Dessa forma, a maioria do público que frequenta o Manjar acaba ficando restrito somente ao restaurante, estacionamento e intermediações.

O contato com outro funcionário do Parque, Reginaldo, também pôde ser estabelecido. Reginaldo, garçom

do Restaurante Manjar das Garças, nos contou que mora em Belém há doze anos e trabalha no Manjar há sete. Durante esse período, ele conta ter ido ao Mangal a passeio apenas duas vezes. Descreve tanto o restaurante como o parque em si como locais bonitos; no entanto, considera necessária uma mudança na cobertura do restaurante (a qual julga, segundo seu gosto pessoal, como "feia"), tendo em vista o incêndio ocorrido no restaurante em agosto de 2018, no qual o fogo tomou conta de parte da cobertura em madeira e fibra de piaçava.

Algumas das impressões dos visitantes, moradores próximos e trabalhadores do Parque podem ser conferidas no quadro abaixo, elaborado tomando como referência o trabalho de Miranda e Lima (2021):

*É maravilhoso. Como qualquer trabalho, tem seus percalços, né. Mas é um ambiente super agradável pra trabalhar, pra ficar aqui. Você vê que é uma paisagem diferente, todo dia tem uma novidade... novidades boas, novidades ruins também. Mas é o natural (Basílio, 32 anos, biólogo do Mangal das Garças. Entrevista realizada em 09/10/2020). Não parece estar dentro de Belém.*  
(Lucélio, 30 anos, visitante do Mangal, residente do bairro Castanheira).

*O Mangal, de quatro em quatro anos, [...] ele muda de administração. Tem administrador que dá uma ajuda aqui na rua, manda podar as plantas desse muro aí do lado; tem administrador que nem olha pra cá e assim vai levando. Tem várias pessoas que já passaram por aí, tem gente que convive com a gente e tem gente que nem quer saber [...]*  
(Adriano, 38 anos, dono do Boteco das Garças e morador da rua Carneiro da Rocha, localizada ao lado do Mangal. Entrevista realizada em 10/10/2020).

*É como uma floresta dentro da cidade [...] tudo parece mais verde e bonito*  
(Sr. João, 65 anos, visitante do Mangal, natural de Belém, mas atualmente não residente na cidade. Entrevista realizada em 10/10/2020).

Ao voltarmos ao parque em janeiro de 2021, foi possível perceber algumas mudanças em relação às últimas visitas: uma grande tenda foi colocada sobre as mesas dos quiosques que vendem alimentos (Figura 06), modificação feita para proteger os clientes do sol e da chuva. Ademais, desta vez o acesso ao mirante (o qual desde a reabertura do Parque, em julho de 2020, estava interditado) foi liberado aos visitantes (Figura 07), permitindo a contemplação do rio, elemento tão familiar ao belenense. No mirante havia uma funcionária, a qual fiscalizava os visitantes quanto ao cumprimento das normas sanitárias, como o uso de máscaras e o distanciamento. Por fim, outro espaço





Figura 6, 7 e 8

Tenda alocada para proteger os clientes; Vista do Mirante do rio; O Armazém do Tempo, agora transformado em um café

Fonte: Autores, 2021

agora novamente acessível foi o Armazém do Tempo, que até novembro estava passando por reforma e desde então deixou o uso como loja de *souvenirs* e local de exposições para abrigar um café (Figura 08).

Uma das incursões ao Portal da Amazônia (Figura 9) ocorreu em uma sexta-feira de outubro de 2020, num fim de tarde após uma visita ao Mangal. O sol estava se pondo e o horário já era o de pico da movimentação no local. Foi possível observar automóveis estacionados e parte das pistas tomadas por pessoas que caminhavam, corriam, andavam de patins ou bicicleta. Aqui a composição do público era mais diversificada: haviam muitas famílias com crianças, mas não era possível dizer que eram maioria. À beira do rio, vários

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 09 de out. de 2020.

<sup>6</sup> O Parque Estadual do Utinga (PEUt), inserido na Área de Proteção Ambiental da Região Metropolitana de Belém (RMB), está localizado em áreas dos municípios de Belém e Ananindeua e abrange áreas de seis bairros, dentre eles o bairro Curió-Utinga, onde está localizada sua sede, na Av. João Paulo II. O Parque é uma unidade de conservação de proteção integral e possui uma área de 1.393,088 hectares. O PEUt, formado por florestas de terra firme e inundadas, abriga os dois principais mananciais de água doce da região, os lagos Bolonha e Água Preta, responsáveis também pelo abastecimento, de forma direta ou indireta, de 70% da população da RMB. Além do abastecimento de água, o parque promove a manutenção da biodiversidade, servindo também como área de recreação e lazer para a população.

indivíduos sentados na grama apreciavam o pôr-do-sol às margens do Rio Guamá em um clima bastante agradável, propício para conversas e também para a prática de atividades físicas, como uma aula de *yoga* ao ar livre, a qual ocorria mesmo com toda a agitação do entorno.

Nesse momento, após algum tempo observando a paisagem e os indivíduos, foi possível conversar com o casal Wellington e Grazielle<sup>5</sup>, que estavam sentados lado a lado em duas cadeiras dobráveis, no gramado. Ele, natural de Belém, coincidentemente do bairro da Cidade Velha, e ela, moradora do município de Marabá. Devido ao fato de morar no bairro desde o nascimento, Wellington destaca que viu tanto o Mangal quanto o Portal surgirem e que o Portal da Amazônia é, segundo ele, um dos melhores lugares de Belém por conta da imensa possibilidade de atividades que podem ser realizadas no local, fala que é reforçada por Grazielle. No entanto, o casal afirma também que o Portal acaba se tornando insuficiente para a grande procura e, portanto, deveriam existir mais espaços assim, citando o Parque Estadual do Utinga<sup>6</sup> como comparação.



Figura 9  
Implantação do Portal da Amazônia  
Fonte: Google Earth, com modificações feitas pelos autores, 2021

Wellington afirmou também, em relação ao Mangal das Garças, que um dos pontos negativos do parque é a elitização do espaço, “*por ser tudo muito caro*”, um paradigma que, segundo ele, deveria ser quebrado. Como solução para o problema, indicou a ideia de haver um dia na semana onde todos os espaços de visitação do parque fossem gratuitos, para que as pessoas que não tivessem condições pudessem conhecê-los também, semelhante ao que ocorre com espaços ligados ao Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM) em Belém.

A incursão tornou possível também conversar com o professor Genisson Rodrigues, 38 anos, morador da Alameda Cabralzinho, situada na Rua do Arsenal. Residente do local há 31 anos, revelou que a alameda e seu entorno sempre foram lugares muito tranquilos para morar, sendo ainda mais tranquilos antes da inauguração dos espaços, mesmo que durante os fins de semana sempre houvesse normalmente uma maior movimentação. Sobre o Mangal das Garças, ele revelou que já o visitou diversas vezes, porém, hoje com menos frequência. Afirma que não viu grandes mudanças ocorrerem no perímetro após sua inauguração e, assim como Wellington, apontou como ponto negativo o preço cobrado pelo acesso às atrações e pelos quiosques no interior do Parque. No entanto, também destaca o contato com a natureza que o Mangal proporciona. O professor chama atenção para as diferenças existentes entre os dois espaços:

*[...] o nível de pessoas que visitam lá (Mangal) é ... não diria elitizado, mas assim, acho que o próprio espaço impõe que você seja mais civilizado, muito diferente do Portal. O portal é aberto, então quem quiser ir de carro, vai; quem quiser ir de bicicleta, vai; quem quer fazer exercício, pregar, beber, fazer piquenique, faz; é um espaço mais democrático, o Mangal não é tão democrático, embora seja aberto ao público. [...] pra quem gosta da bagunça, o Mangal não é um atrativo. O Portal é democrático. Quer ver a elite? O pobre? O bagunceiro? O intelectual? Estão todos lá! O Mangal, o São José Liberto<sup>7</sup>, impõe outra classe social, não que o pobre não possa ir nesses locais, mas não são atraídos por eles. Deveria ser um dever do Estado fazer isso.*

A fala do professor merece destaque por tocar em um ponto pertinente: o nível socioeconômico dos frequentadores dos espaços. De fato, é possível observar que, apesar de os dois locais estudados serem, em teoria, abertos ao público, no Portal da Amazônia (ou Orla de Belém), observamos uma maior diversidade de atividades possíveis de serem realizadas, o que acaba atraindo um público maior e mais abrangente no que concerne a fatores como renda, escolaridade, etnia,

<sup>7</sup> Erguido em 1749 por frades capuchos de Nossa Senhora da Piedade para o funcionamento do convento de São José, o prédio já exerceu diferentes funções: olaria, quartel, depósito de pólvora, hospital, cadeia pública e presídio. Desde 11 de outubro de 2002 é denominado de Espaço São José Liberto, sendo considerado “território criativo”, onde o desenvolvimento econômico tem como elemento propulsor a cultura, o turismo e o design, visando a verticalização do setor mineral de gemas e joias.

etc. É sabido que o projeto do Portal abrange também a área de bairros como Jurunas, Condor e Guamá, considerados periféricos e cuja população, no geral, está inserida em um contexto socioeconômico diferente dos habitantes de bairros como Cidade Velha, Batista Campos e Campina, que também frequentam o espaço. Não é possível negar que o Mangal também seja palco do mesmo fenômeno; no entanto, na Orla tal ocorrência é amplificada.

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2021.

O biólogo Alison Ramos<sup>8</sup>, 32 anos, morador da rua Osvaldo de Caldas Brito (bairro do Jurunas), situada nas proximidades do Portal, afirma frequentar o espaço durante os fins de semana para praticar corrida e passear com o cachorro, principalmente cedo pela manhã e aos fins de tarde, os melhores e mais movimentados horários, segundo ele. Alison afirma que o público que frequenta o local usa as quadras para a prática de esportes como futebol e vôlei (Figura 10). Aos fins de semana, ao fim da tarde e durante a noite, uma das vias do local permanece fechada, permitindo que os visitantes possam andar de bicicleta, *skate*, patins, caminhar ou correr.

Ademais, ele nota no local grupos de academia que praticam exercícios ao ar livre e outros grupos formados por pessoas que praticam boxe e karatê, estes últimos em menor frequência. Durante nossa conversa, ocorrida em janeiro de 2021, em uma manhã de domingo, horário que revelou um movimento considerável, foi possível também observar no local a prática da direção por alunos de autoescolas acompanhados de seus instrutores. O biólogo acredita que a segurança no espaço melhorou sobremaneira devido ao fato de viaturas da polícia militar realizarem rondas pela área. No entanto, apesar de nunca ter sido vítima da insegurança ou violência no local, afirma escutar muitos relatos de conhecidos sobre o assunto. Considera o Portal um espaço aberto com muitas possibilidades de uso, mas que não é tão aproveitado pela falta de arborização, problema que não se restringe somente ao local, mas que afeta o bairro da Cidade Velha ou mesmo do Jurunas como um todo.

Os caramanchões (Figura 11), alguns ainda com cobertura, situados na parte inicial da orla servem como abrigo devido à sombra que proporcionam. A carência de arborização de fato faz com que, no intervalo entre as 12h e as 16h, o local seja pouco frequentado por conta da grande exposição à radiação solar, o que o torna soturno e, portanto, inseguro. Alison fala também sobre a existência de uma associação de moradores do entorno, composta por indivíduos que reali-



zam vendas de alimentos de forma legalizada no local, acrescentando que o poder público deveria fomentar a produção e comercialização de diversos tipos de produtos por moradores da área, aproveitando áreas subutilizadas nos terrenos fronteiriços à Orla.

*É um espaço muito pra contemplação do rio... (Figura 12) mas tem tão pouco espaço que tem árvores assim; colocaram tanta palmeira que não cobre nada e as pessoas se concentram nos lugares onde tem árvore (Figura 13) e nos outros fica meio ocioso. Aí serve meio pra tirar foto e olhe lá...*

Por ser morador da área desde o nascimento, Alison lembra que hoje onde é orla "era tudo água". Fala sobre o fato de que várias famílias tiveram de ser remanejadas para outras localidades, muitas delas distantes, rompendo, assim, possíveis laços afetivos criados com o local. Alison também destaca um dado importante:



Figura 10, 11, 12 e 13

Uma das quadras utilizadas pelo público; Os caramanchões que abrigam o público; Abaixo: À esquerda, pessoas sentadas contemplando o rio. À direita, um dos pontos de concentração de pessoas, justamente onde há árvores e sombra

Fonte: Autores, 2021

*Só quem mora na... quem frequenta a orla com mais frequência (em relação aos residentes das cercanias) são aqueles que vem praticar esportes nas quadras e aqueles da associação que vem vender alguma coisa. De resto, todo mundo prefere permanecer na frente das suas casas assim no final de semana do que vir pra cá porque não tem tanta opção assim mesmo. A maioria do pessoal que vem pra cá não é daqui. Quando não tinha orla eles já ficavam na frente das suas casas, tinham uns botecos na rua e tudo mais...*

No mesmo dia da entrevista anterior, também foi possível ter uma conversa com o casal Adelmo, 58, e Francisca, 51 anos. Residentes do bairro de Batista Campos, eles afirmam não ter o hábito de frequentar o espaço. No entanto, afirmam que os domingos pela manhã são o momento que consideram o melhor para visitar o local por conta do movimento não tão intenso. Afirmam também que o Portal é um bom lugar para levar o cachorro para passear e contemplar o rio. A secretária Juliana, 31 anos e sua avó Marcelina, 72, residentes do bairro do Marco, também estavam visitando o local naquele momento e afirmaram que raramente frequentam o espaço por conta da distância, mas que o consideram muito bonito, principalmente a vista para o rio. Ademais, também destacam a tranquilidade do local no domingo de manhã.

Durante a mesma incursão, foi possível observar muitos idosos e crianças, tendo em vista que o horário é propício para tais públicos. Além disso, indivíduos passeando com cachorros também foram frequentemente observados. Pudemos também constatar algo que Alison destacara: a concentração de pessoas em uma parte do trecho inicial onde existem blocos de concreto que servem como bancos e algumas árvores de tamanho médio, as quais oferecem sombra. Ali, várias pessoas pareciam interagir (algumas sem máscara, algo preocupante) umas com as outras. Nesse ponto também havia a concentração de vendedores ambulantes comercializando produtos como sorvete e vitaminas. À beira do rio, haviam várias pessoas sentadas conversando e contemplando a paisagem.

Algumas cenas chamaram a atenção: uma mulher, com uma caixa de som, sentada no gramado contemplando o rio enquanto ouvia música em um volume alto. Ela parecia estar realmente aproveitando aquele momento sem receio de julgamentos por parte de outros visitantes. Próximo a ela, três indivíduos sentados em cadeiras dobráveis, sendo um deles uma mulher que segurava uma vara de pescar (fig. 14). Além dela, havia um homem também pescando próximo à escultura do trecho inicial do Portal (fig. 15). A prática

da pesca pareceu uma atividade inusitada para o local, embora possível devido a presença do rio Guamá. Ambas as cenas evidenciam o papel que o rio exerce em relação à existência do espaço, bem como marca a já tradicional relação da população de Belém e do bairro da Cidade Velha com este.



Figura 14 e 15

A prática da pesca em pontos próximos situados no trecho inicial do local

Fonte: Autores, 2021

## Considerações finais

O Mangal das Garças e a Orla de Belém, apesar de serem vizinhos imediatos e de proporcionar a integração do homem com a natureza, não atraem necessariamente o mesmo público, nem sediam as mesmas atividades. Apesar de terem sido planejados com o objetivo de oferecer à população uma janela para o rio e permitir a integração com a natureza, no Mangal é perceptível a criação de um espaço mais voltado ao turismo, onde houve a intenção de desenvolver um conceito cênico, capaz de envolver o visitante, provocando sensações e surpreendo-o durante sua caminhada com um novo elemento a cada curva (DUTRA *et al.*, 2020). Ademais, o resgate de uma regionalidade, por meio de técnicas e da arquitetura vernacular, bem como referências à cultura e memória da região são perceptíveis no local. O Mangal é um espaço para visitação, contemplação da natureza e gastronomia, não incentivando uma permanência prolongada, como aponta Mergulhão (2009).

Já o Portal da Amazônia não se restringe à orla ou beira-rio: compreende um projeto muito maior do qual a Orla de Belém faz parte. Esta, por sua vez, estende seus limites não somente ao longo do bairro da Cidade Velha, mas, principalmente ao longo do bairro do Jurunas. No caso do Portal, este constitui uma alternativa para uma área periférica, de baixada, e, portanto, alagável. Assim, foi colocado em prática o projeto, que além de promover o turismo e, principalmente, oferecer uma opção de lazer, anteriormente inexistente, à população, é responsável também por promover o "embelezamento" de uma área vista como degradada.

Enquanto no Mangal observamos uma classe média-alta como público alvo, principalmente por conta dos preços "para turistas" que as atrações possuem, o que acaba afastando parte da população que possui menor poder aquisitivo, no Portal o espaço é "mais democrático", como afirma o professor Genisson, e acessível a todos os públicos. Assim, a Orla acaba sendo um espaço que permite uma maior liberdade em termos de conduta, o que pode, inclusive, gerar problemas como a insegurança pública, a qual ronda o local e acaba, de certa maneira, se tornando um estigma. No entanto, é fato que o local permite muito mais do que a contemplação da natureza (destaque para o rio), consistindo em um espaço propício para lazer, práticas esportivas, encontros e o desenvolvimento de sociabilidades em geral.

Cabe destacar que o Mangal possui fatores como seu aspecto cênico e a limitação física imposta pela existência de muros e pela restrição do acesso a horário predeterminado, permitindo ao visitante sentir que não está dentro da cidade, como uma espécie de fuga do grande centro urbano, de acordo com um dos entrevistados. Essa sensação corrobora a reflexão de Norberg-Schulz (2006, p. 448) sobre a natureza formar uma ampla e extensa totalidade, um "lugar, que, de acordo com as circunstâncias locais, possui uma identidade peculiar". Em relação à Orla, por ser um local aberto, sem barreiras delimitantes construídas pelo homem, e no qual a vinculação ao restante do tecido urbano é visível, não temos a mesma sensação proporcionada pelo Mangal.

Destarte, é possível relacionar tais percepções ao papel do arquiteto e do projeto de arquitetura como condicionador de comportamentos, o que, por sua vez, nos conduz ao que Pallasmaa (2006) afirma sobre a experiência mais vasta e possivelmente mais importante que se pode ter da arquitetura: a sen-



sação de estar em um lugar único. O autor discorre sobre o efeito da arquitetura prover de "sentimentos primordiais", os quais formam o genuíno "vocabulário básico" da arquitetura, e é trabalhando com eles que a obra se torna, de fato, arquitetura. Uma experiência que pode provocar estes sentimentos é o "olhar pela janela, ligação com a paisagem". Assim, segundo o autor, uma forte experiência arquitetônica sempre desperta uma sensação de solidão e silêncio, não importando o número de pessoas presentes ou o barulho. Ele também afirma que a paisagem natural nunca expressa solidão da mesma maneira que um edifício. Dessa forma, a natureza não precisa do homem para explicar a si mesma; no entanto, um edifício representa seu construtor e proclama a ausência dele.

Esta disciplina contida na concepção do projeto arquitetônico e paisagístico contrasta com a liberdade de utilização dos espaços públicos multifuncionais. Faz-se necessário, portanto, que o projeto concilie os desejos de seus usuários a ponto de promover o pertencimento ao lugar, o qual, para ser desenvolvido, necessita de enraizamento, de criação de laços identitários com o lugar, algo que moradores vizinhos ao Portal podem ainda não possuir (DUARTE, 2015).

Por fim, os dois espaços, cada um à sua maneira, certamente já se consagraram no gosto do belenense, sendo também indicados aos turistas como opções de passeio e lazer. No entanto, alguns condicionantes que poderiam ser revistos, tais como os preços praticados ou a questão da insegurança pública. Seria importante que o poder público ouvisse as sugestões dos frequentadores e moradores como forma de promover melhorias. Além de terem provocado mudanças na paisagem da área onde estão localizados e na vida de inúmeros habitantes, fomentando sociabilidades e a integração com a natureza, o Mangal e a Orla constituem exemplares arquitetônicos e urbanos de importância para compreender como a arquitetura tem se desenvolvido na "nova" Cidade Velha, área considerada como Entorno do Centro Histórico de Belém e que faz parte de um bairro em que o "antigo" ainda é o principal atributo. Assim, constituindo um contraste em relação à antiguidade do núcleo inicial de fundação, tais espaços contribuem também para que a Cidade Velha como um todo seja um local ímpar, em que, apesar das adversidades que possuem os bairros de qualquer cidade brasileira, os moradores e frequentadores, no geral, gostam de estar e visitar.

## Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BELÉM. Lei Ordinária N.º 7709, de 18 de maio de 1994. *Dispõe sobre a preservação e proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n\\_urban\\_p/patr\\_hist.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n_urban_p/patr_hist.pdf). Acesso em: 12 jul. 2021.

BRASIL. Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937. *Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: 12 jul. 2021.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUARTE, Cristiane Rose de S. A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. *Revista Projetar, edição especial de lançamento*. P. 70-76, 2015.

DUTRA et al. *Imago urbis e o parque naturalístico Mangal das Garças: um paralelo entre a arquitetura contemporânea e a culturalidade*. Disponível em: <http://arquiteturaufpamemoria.blogspot.com/2020/12/ensaio-imago-urbis-e-o-parque.html>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ECKERT, Cornélia. As variações "paisageiras" na cidade e os jogos da memória. In: SILVEIRA, Flávio Abreu da; CANCELA, Cristina Donza (Org.). *Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EDUFPA, 2009.

GEERTZ, Clifford. *Vidas e Obras: o antropólogo como autor*. Tradução Vera Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GORSKI, Maria Cecilia Barbieri. *Rios e cidades: ruptura e reconciliação*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). 2008. 243 f. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

KLIASS, Rosa Grena; ZEIN, Ruth Verde. Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

LEÃO, Monique Bentes Machado Sardo. Projeto Portal da Amazônia: Contradições na Orla de Belém/PA. In: *Anais do XV ENANPUR*, v. 15 n. 1 (2013), Recife, 2013.

MERGULHÃO, Pedro. *A paisagem Amazônica no paisagismo de Belém: caso Parque Naturalístico Mangal das Garças*. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco.

MIRANDA, C. S. *Cidade Velha e Feliz Lusitânia: cenários do patrimônio cultural em Belém*. 2006. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém.

MIRANDA, C. S. Da Almedina à Feliz Lusitânia: personagens do patrimônio. *Amazônica - Revista de Antropologia*, Belém, v. 3, n. 2, p. 348-368, 2011.

MIRANDA, C. S.; LIMA, Zâmara Elaine Anunciata. Fordlândia e Belterra: percursos etnográficos e a patrimonialização da Arquitetura em madeira. *5% Arquitetura + Arte*, São Paulo, ano 16, v. 01, n.21, e168, p. 1-23, jan./jul./2021. Disponível em:



<http://revista5.arquitetonica.com/index.php/periodico-1/ciencias-sociais-aplicadas/for-landia-e-belterra-percursos-etnograficos-e-a-patrimonializacao-da-arquitetura-em-madeira>. Acesso em: 30 set. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian. "O Fenômeno do lugar". In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia Teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PALHETA, Nélio. Governo Alacid Nunes (1966 – 1971): Saneamento dos Canais de Belém. *Diário Oficial do Estado, Belém, PA*, n. 33.133, 23 mai. 2016, A História no Diário Oficial, p. 2.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: Nesbitt, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PONTE, Juliano Pamplona Ximenes. Cidade e água: Belém do Pará e estratégias de reapropriação das margens fluviais. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 085.02, Vitruvius, jun. 2007. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/237>. Acesso em: 18 jan. 2021.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, Ana Luiza C. da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Revista Iluminuras*. Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. História da cidade de Belém: intervenções urbanísticas. In: *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos*. São Luís, 2016.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina, Eduel, 2012.

TUTYIA, Dinah Reiko. *Rua Dr. Assis: uma incursão pela paisagem patrimonial transfigurada da Cidade Velha*. 2013. 211 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

## Sites consultados

<http://www.cosanpa.pa.gov.br/noticias/parque-do-utinga-inaugura-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

<http://www.mangaldasgarcas.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

<https://saojoseliberto.com.br/historia/>. Acesso em 16 jun. 2021.

<https://www.tre-pa.jus.br/o-tre/zonas-eleitorais/mapa-das-zonas-eleitorais-de-belem>. Acesso em 04 ago. 2021.